

## Editorial

# A Medicina Física e de Reabilitação, um Percurso que Compromete a Todos

## *Physical Medicine and Rehabilitation, a Course that Engage us All In*

Cecília Vaz Pinto<sup>(1)</sup>

A vivência dos últimos anos permitiu-nos assistir a mudanças rápidas no Mundo, na Europa, no País, na Medicina e na Medicina Física e de Reabilitação (MFR), mas nem sempre o que assistimos foi o esperado e/ou planeado.

O percurso da especialidade tem tido nestes anos aspectos positivos, mas também alguns passos atrás e outras tantos compassos de espera e/ou indecisões.

O aumento do número de camas de internamento e do próprio número de Centros de Reabilitação com uma distribuição mais homogénea no País, era uma necessidade de há muito e que foi sendo concretizada. Continuam no entanto, a ser reduzidos os serviços de MFR hospitalares com internamento próprio que têm, como sabemos, um objectivo bem diferente do internamento em Centro de Reabilitação, mas esta mensagem continua a ter dificuldade em passar aos decisores.

Também a formação, mais exigente e mais abrangente, finalmente com um novo programa de formação, coloca a MFR no patamar da realização de diversas técnicas e com uma cada vez maior diferenciação em áreas essenciais.

Existem no entanto, na turbulência dos últimos anos e no momento presente, enormes desafios

Por um lado, a Medicina é neste momento uma Medicina cada vez mais centrada no utente, em que os vários profissionais de saúde, das equipas interdisciplinares e interprofissionais devem coordenar a sua actuação para que o resultado final se possa maximizar, com uma maior qualidade nos cuidados, o que vem obrigar a que se respeitem e cumpram as boas práticas éticas e deontológicas, e essa é também uma formação que não pode ser esquecida no aluno de medicina e no interno de qualquer especialidade.

Na saúde e na MFR, nesta época de constrangimentos económicos, tem-se sentido a dificuldade de acesso aos cuidados, nomeadamente no ambulatório, desde logo

com o aumento das taxas moderadoras e, ainda mais recentemente na MFR pelas orientações para a referenciação baseados numa classificação que é no mínimo heterodoxa (SCD-MFRA), e que coloca problemas importantes na acessibilidade. Não é possível, deixar de se referir a dificuldade de acesso aos produtos de apoio, que foi sentida através de uma perturbadora alteração de legislação e ainda à não comparticipação de alguns medicamentos que se tornaram assim, inacessíveis a uma boa parte da população

A atualidade traz-nos o paradoxo da falta de recursos e do condicionamento ao acesso à reabilitação, e por outro lado traz-nos também, o aumento de doenças crónicas com morbilidades cada vez maiores, o que num País com deficit de apoios sociais, vem acentuar ainda mais a necessidade dos cuidados de reabilitação.

Temos assim que encontrar formas de actuação que, passando por uma política de educação para a saúde e de uma articulação dos vários cuidados, nomeadamente com os cuidados primários, cuidados hospitalares e cuidados continuados, permita dar uma melhor resposta e tornar os recursos atuais mais eficientes.

Numa altura em que a rede de referenciação de MFR vai ser revista, esperamos que seja permitido aos nossos colegas desenvolverem o trabalho onde a excelência da sua competência poderá ter um contributo fundamental.

A realidade obriga hoje a repensar o paradigma tradicional de actuação da MFR e a um olhar com diferentes perspectivas que nos permita alcançar os melhores resultados para os doentes e o melhor caminho para a especialidade. Este é o desafio do presente e dos próximos anos onde todos os fisiatras devem ser activos, proactivos e comprometidos. Os tempos não permitem que se fique nas margens, o empenho de todos em cada local fará com toda a certeza a diferença!

(1) Presidente do Colégio da Especialidade Medicina Física e de Reabilitação da Ordem dos Médicos

Data de submissão: Junho 2015

Data de aceitação: Junho 2015